

Roteiro Pedagógico Patrimonial do centro colonial de Diamantina, Minas Gerais:

Personagens Ilustres

Pedagogical Heritage Tour of the colonial centre of Diamantina, Minas Gerais:

Honorable Personalities

Tour Patrimonio Pedagógico del centro colonial de Diamantina, Minas Gerais:

Personajes Ilustres

Recebido: 23/09/2020 | Revisado: 29/09/2020 | Aceito: 02/10/2020 | Publicado: 04/10/2020

Maíra Cristina de Oliveira Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0839-2913>

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

E-mail: maira.crist@hotmail.com

Marcelino Santos de Morais

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7577-7637>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

E-mail: marcelino.morais@ufvjm.edu.br

Danielle Piuzana Mucida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5756-8081>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

E-mail: danielle.piuzana@ufvjm.edu.br

Resumo

Diamantina, Minas Gerais, contextualiza-se como sede municipal de núcleo colonial, tombado pelo IPHAN desde 1938, e reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 1999. Este trabalho tem como intuito apresentar um roteiro pedagógico por meio de casarios no centro colonial de Diamantina, relacionados a personalidades nascidas ou que viveram na região e que tiveram vida e obra relevantes em diversos campos do saber. Foi realizado a partir de levantamento bibliográfico e entrevistas informais com historiadores locais. O resultado consistiu em seleção de 9 personagens, simbolizadas pela identificação do local de suas moradias em um folder com um roteiro pelo núcleo colonial de da cidade e localização dos casarios vinculados às personalidades. No verso, constam as principais informações de cada um. Neste sentido, o trabalho constitui um diferencial na relação entre

patrimônio, educação patrimonial e colaborativa, práticas de ensino e para a sociedade em geral.

Palavras-chave: Educação patrimonial; Cultura; Distrito diamantino.

Abstract

Diamantina, Minas Gerais, is contextualized as a municipal headquarters of the colonial nucleus, listed by IPHAN since 1938, and recognized as a Cultural Heritage of Humanity by UNESCO in 1999. This work aims to present a pedagogical itinerary through houses in the colonial centre of Diamantina, related to personalities born or who lived in the region and who had relevant life and work in different fields of knowledge. It was carried out based on bibliographic research and informal interviews with local historians. The result consisted of a selection of 9 characters, symbolized by the identification of the location of their homes. The data are in a folder with a script by the colonial core and the location of personalities houses. The back contains the primary information for each one. In this sense, work constitutes a differential in the relationship between heritage, heritage and collaborative education, teaching practices and for the society.

Keywords: Heritage education; Culture; Distrito diamantino.

Resumen

Diamantina, Minas Gerais, se contextualiza como una sede municipal de núcleo colonial, catalogada por el IPHAN desde 1938, y reconocida como Patrimonio Cultural de la Humanidad por la UNESCO en 1999. Este trabajo tiene como objetivo presentar un itinerario pedagógico a través de casas en el centro colonial de Diamantina, emparentada con personalidades nacidas o que vivieron en la región y que tuvieron una vida y un trabajo relevantes en diferentes campos del saber. Se realizó a partir de investigación bibliográfica y entrevistas informales con historiadores locales. El resultado consistió en una selección de 9 personajes, simbolizados por la identificación de la ubicación de sus hogares en una carpeta con un guión por el núcleo colonial de la ciudad y la ubicación de las casas vinculadas a las personalidades. El reverso contiene la información principal de cada uno. En este sentido, el trabajo constituye un diferencial en la relación entre patrimonio, patrimonio y educación colaborativa, prácticas docentes y para la sociedad en general.

Palabras clave: Educación patrimonial; Cultura; Distrito diamantino.

1. Introdução

Diamantina, em Minas Gerais, tem sua origem vinculada à exploração minerária e apresenta grande importância no contexto de núcleos urbanos desde o Brasil Colônia. Sabe-se que cada sociedade legitima os bens patrimoniais que contribuem e contribuíram para a sua identidade cultural. Por outro lado, por desconhecimento, bens de relevante valor são perdidos ao longo do tempo por não se atentar para sua importância. Assim, a educação patrimonial e colaborativa, tema vinculado ao ensino básico e superior, tem o intuito de atuar na formação de professores e na formação básica de estudantes, com intuito de reconhecer parte do patrimônio de um sítio urbano.

O centro colonial de Diamantina foi declarado, em 1938, Conjunto arquitetônico e Urbanístico de Diamantina, pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Possui, ainda, o reconhecimento, desde 1999 pela UNESCO, como Patrimônio Cultural da Humanidade. Além disso, várias personalidades são reconhecidas amplamente: com maior efetividade, a personagem Chica da Silva e o ex-presidente Juscelino Kubitschek, oriundos da região. Entretanto, há inúmeras personalidades ilustres que também contribuíram para a história da região e que, inclusive sua vida e obra desenvolveram repercussão no contexto atual e que merecem ser lembrados.

A princípio, pela vocação turística e cultural de Diamantina, foi pensado um trabalho vinculado a interpretação do patrimônio, utilizando métodos e práticas de acordo com o que se pretende enfatizar durante um processo de visitação. Porém, por apresentar um caráter extensionista e somado às necessidades em elaboração de práticas de ensino por parte das escolas estaduais, municipais e particulares de Diamantina e licenciandos do ensino superior, optou-se pela possibilidade de criação de um roteiro pedagógico.

A partir disso, apresenta-se aqui o resultado do projeto de extensão intitulado: *Roteiro Pedagógico Patrimonial do centro colonial de Diamantina, Minas Gerais: Personagens Ilustres*, vinculado à Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). O trabalho objetivou o levantamento de dados sobre personalidades importantes e suas possíveis moradias que podem se constituir um diferencial na relação entre patrimônio, educação patrimonial e colaborativa e possibilidades de práticas de ensino. Além disso, este levantamento auxiliou para preservar a memória desses personagens, resguardando parte da história de Diamantina.

Freire (1996) afirma que ensinar não é transmitir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo no discurso vertical do professor, a

aprendizagem não se dá por transferência de conteúdo, mas, por interação, que é o caminho da construção. Portanto a proposta de criação de um roteiro pedagógico tornou-se uma possibilidade de interseção da teoria e prática, bem como um importante elo para o fortalecimento do pertencimento dos alunos e professores com o “Lugar Geográfico”, no caso deste trabalho, Diamantina.

Neste sentido, este trabalho teve como objetivo o desenvolver um roteiro por meio de casarios de Diamantina vinculados a personalidades importantes, principalmente dos séculos XVIII e XIX, que subsidiasse a elaboração de uma prática pedagógica complementar a construção deste conhecimento nas diferentes fases da educação.

1.1. Contextualização de Diamantina

Diamantina localiza-se no Vale do Jequitinhonha, a 292 km de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Possui aproximadamente 45.880 habitantes e sua origem remonta ao século XVIII quando bandeirantes, vindos do Serro, chegaram ao córrego Pururuca (atual rio Grande), onde encontraram considerável quantidade de diamante e ouro. Por este motivo decidiram se instalar no local dando origem ao Arraial do Tijuco, que data oficialmente de 1713 (Santiago, 2010, p.34). As primeiras casas construídas no arraial foram na Rua Burgalhau como pode ser confirmado por Santiago:

Há unanimidade geral quanto ao local onde as primeiras casas do novo arraial foram construídas: na rua do Burgalhau, que sobe a ladeira do morro de Santo Antônio, em traçado paralelo ao córrego do Tijuco, formando um triângulo, com a rua Espírito Santo e o beco da Beata, cujo ângulo inferior atinge a margem esquerda do rio Grande e os dois ângulos superiores se abrem para formar o largo do mercado, ou Cavalhada Nova, que ainda não existiam (nem largo nem mercado nem cavalhada) naquele tempo. Também não havia casas no interior do triângulo. (2010, p.36)

Nesse período inicial do surgimento do arraial, os diamantes foram explorados muito antes de sua oficialização pela Coroa Real Portuguesa (Lopes et al. 2011, p.67-68). Com o intuito de controlar e diminuir a exploração diamantífera, a Coroa proibiu a exploração. Em 1734 foi criada a Demarcação Diamantina ou Distrito Diamantino um quadrilátero em volta do Arraial do Tijuco que também abrangia outros arraiais (Gonçalves, 2012, p.42-43).

Como a Coroa percebeu a necessidade de controlar ainda mais a produção e os preços de diamantes no Arraial, criou-se a Intendência dos Diamantes com plenos poderes sobre a região. Foram cinco anos de proibição da exploração diamantífera, e somente a partir de 1739

é que se iniciava um novo momento: a era dos Contratos (Gonçalves, 2012, p. 41). Estes por sua vez eram destinados a pessoas que o arrematassem em leilão (sendo no total seis contratos), compreendidos entre 1739 e 1771. Aqueles que ocupavam o cargo de contratador naquela época, eram responsáveis por proteger e organizar para a Coroa Portuguesa todo o ouro e diamante extraído nas lavras, em troca recebiam considerável retribuição pelo combinado além de gozar de grande prestígio perante o arraial.

Após o último contrato arrematado pelo desembargador João Fernandes de Oliveira, inicia-se um novo momento no Arraial do Tijuco, o da Real Extração, no qual o Marquês de Pombal decreta que o monopólio da exploração dos diamantes estaria nas mãos da própria Coroa na figura do intendente que possuía o Livro da Capa Verde ou o Regimento Diamantino, que lhes dava plenos poderes. Furtado (1996) afirma que o Arraial do Tijuco permaneceu com esta nomenclatura durante o século XVIII com o intuito de que não fosse implantada uma Câmara Municipal, mas em 13 de outubro de 1831 por meio de decreto imperial o Arraial sobe a posição de Vila Diamantina (Minas Gerais, 1983). No dia 6 de março de 1838 Diamantina é elevada à cidade por meio da Lei Provincial nº 93 (Furtado, 2006).

O Arraial do Tijuco atraiu vários estudiosos e foi visitado por inúmeros viajantes naturalistas, que deste local extraíram suas impressões como o francês Saint-Hilaire (1817). Em depoimento citado no livro Sesquicentenário de Elevação do Tijuco a Vila Diamantina 1831-1981 Saint-Hilaire afirma: “encontrei em Tijuco mais ilustração que em todo o Brasil, mais gosto pela literatura, mais amor vivo pela instrução... o tijuquense é a urbanidade sem afetação e o estilo da boa companhia” (Minas Gerais, 1983, p. 47). Não foi somente Saint-Hilaire que obteve essa impressão, o francês Alcide d’Orbigny, afirma que: “os habitantes do Tijuco são polidos, corretos, bem-educados e mais instruídos que os do resto do Brasil. A fartura e o bom gosto predominam na cidade, onde há menos mendigos do que em Vila Rica e na Vila do Príncipe” (Minas Gerais, 1983, p. 101).

2. Metodologia

2.1 Personagens selecionados

Os procedimentos metodológicos para realização deste trabalho basearam-se inicialmente em uma pesquisa bibliográfica voltada para a seleção das personagens levando

em consideração a vida, obra e importância dos mesmos. Nesta etapa, várias destas personalidades foram associadas à casarios no centro colonial de Diamantina.

A partir da pesquisa bibliográfica preliminar, passou-se a uma etapa cunho qualitativo por meio de técnica de coleta de dados a partir de entrevistas informais (Pereira et al. 2018). Dois historiadores locais foram entrevistados sobre as possíveis residências destas personalidades. As entrevistas visaram a validação da pesquisa realizada anteriormente, bem como obter informações sobre casarios de personalidades não elucidadas em documentos.

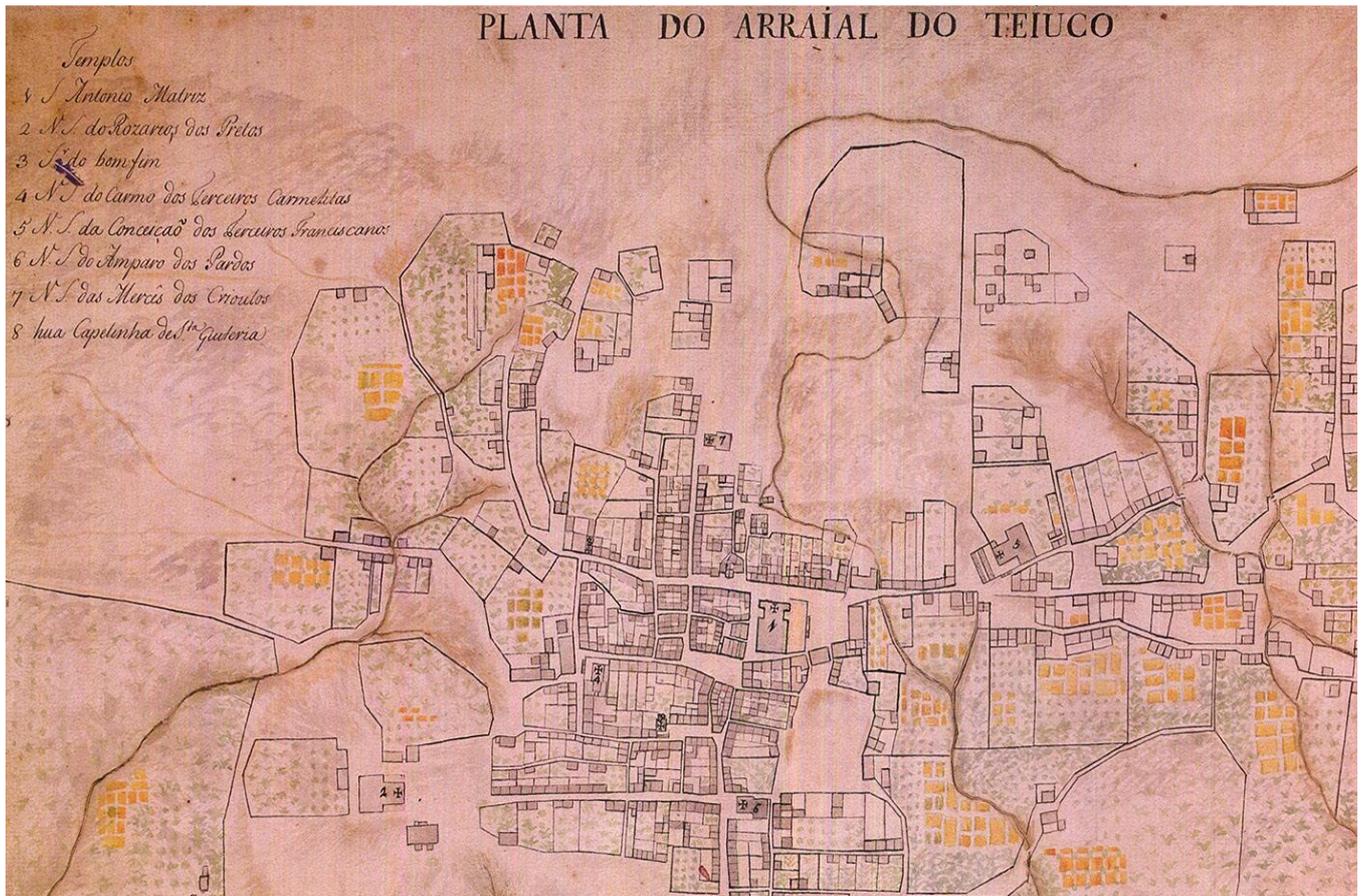
Foram selecionados personagens diamantinos ou que viveram em Diamantina que nasceram nos séculos XVIII, XIX. São eles, de acordo com o período de nascimento: João Fernandes de Oliveira, José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, José da Silva e Oliveira Rolim, José Vieira Couto, Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt Aguiar e Sá, Dom João Antônio dos Santos, Aureliano José Lessa, José Vieira Couto de Magalhães e Antônio dos Santos Torres. A escolha dessas pessoas e da identificação de casarios onde tenham vivido ou residido em Diamantina está relacionada à sua vida e obra e a importância que tiveram nos diversos campos do saber.

Quanto ao público alvo a ser atingido, pode-se dizer que não há restrições, abrangendo desde público escolar, universitário, comunidade e/ou turistas, uma vez que as ações foram de cunho extensionista, visando a divulgação sobre patrimônio no sítio urbano de Diamantina.

2.2 Proposta de criação de um roteiro

A criação de um roteiro pedagógico no centro de Diamantina teve como pressuposto instigar a curiosidade daqueles que irão percorrer o trajeto, em especial, voltado para um escolar ou do ensino superior. Neste sentido, para demarcar os casarios das personagens selecionadas, utilizou-se um mapa do período setecentista, de autoria de Antônio Pinto de Miranda (Figura 1), datado de 1784.

Figura 1. Recorte da Planta do Arraial do Tejuco de autoria de António Pinto de Miranda.1784, aquarela colorida, 38,9 x 52cm, Arquivo Histórico do Exército/RJ.



Fonte: Costa et al. (2002).

A aquarela colorida é um dos documentos que retrata um período de intensa produção cartográfica da Demarcação Diamantina, desde 1772, sob o regime de monopólio da extração de diamantes pela Real Extração, subordinada à Diretoria dos Diamantes, em Lisboa (Meneses, 2015, p.77). Tendo este mapa por base cartográfica, desenvolveu-se o roteiro de uma maneira interdisciplinar na concepção de um mapa cultural (Menezes, 2009, p.71)

3. Resultados e Discussão

A escolha das personalidades relacionou-se à sua vida e obra e importância que tiveram nos diversos campos do saber. Selecionou-se, neste sentido, 9 personalidades de importância no contexto nacional, regional e local, que nasceram ou viveram na região. Tentou-se identificar o local de moradia de todos, criando-se um roteiro pedagógico em folder, intitulado: “*Mapa do Garimpo de Moradias de Ilustres Adormecidos da História*”

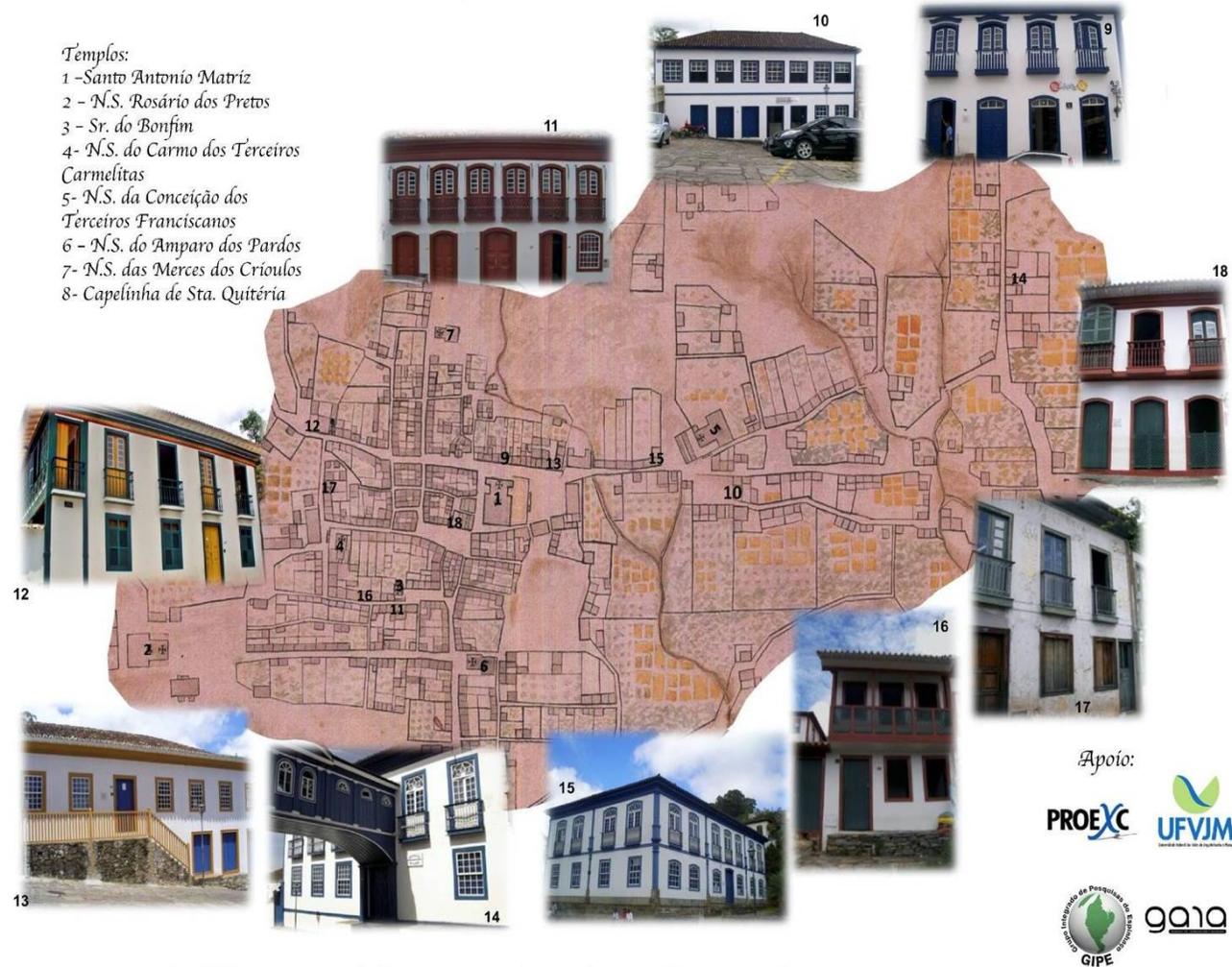
Diamantinense". As moradias das personalidades foram numeradas em sequência às igrejas e capelas da base cartográfica de António Pinto de Miranda (Figura 1, 2a). No verso do folder há uma breve explanação sobre cada uma dessas pessoas (Figura 2b). Isso foi feito pensando em práticas de ensino não-formais, nas quais o folder configura-se como um material de fácil acesso e manuseio, com informações mínimas do que será apresentado no roteiro. A seguir, apresenta-se o histórico das personagens selecionadas por ordem de nascimento.

3.1 João Fernandes de Oliveira

João Fernandes nasceu em 1722 no Arraial de Nossa Senhora do Carmo, arraial que em 1745 foi elevado a cidade nomeada de Mariana. Era filho do Contratador João Fernandes de Oliveira e de Maria de São José. Formou-se em 1748 em Direito Canônico pela Universidade de Coimbra em Portugal. Palmilhando os mesmos passos de seu pai, verteu e construiu sua vida como Contratador de Diamantes no então Arraial do Tijuco pelo arremate do quarto contrato que data de 1753 a 1758, período em que o João Fernandes de Oliveira que também possuía o título de Desembargador retorna ao Brasil e o quinto que é de 1759 a 1761 em sociedade com Antônio dos Santos Pinto e Domingos de Basto Viana (Furtado, 2000, p. 301). Também esteve à frente do sexto contrato em sociedade com seu pai, que data de 1761 a 1771, o período mais longo de todos e que antecede o início da Real Extração.

O cargo de contratador, na época, relacionava-se à necessidade de proteger e organizar todo o ouro e diamante extraídos nas lavras para a Coroa Portuguesa; em troca os ocupantes deste cargo recebiam considerável retribuição pelo combinado, além de gozar de grande prestígio perante o arraial (Furtado, 2003).

Figura 2 - a) Mapa do Garimpo de Moradias de Ilustres Adormecidos da História Diamantinense.



Fonte: Elaboração: autores. Fonte do mapa base: Costa et al. (2002).

Figura 2b) Verso do Folder com explicações de Ilustres Adormecidos da História Diamantinense

Este mapa é resultado do Projeto de Extensão da UFVJM intitulado “Roteiro Patrimonial do Sítio Histórico de Diamantina” que teve como objetivo propor um roteiro histórico a partir do levantamento de personagens relevantes na história local ao longo dos séculos XVIII e XIX, bem como seus locais de moradia. O resultado aqui apresentado possui caráter informativo e ilustrativo. Os dados aqui mencionados foram baseados em fontes documentais da Biblioteca Antônio Torres, artigos, dissertações de mestrado e apoio do historiador diamantinense Willian Spangler. Vale ressaltar que por uma questão de referências geográficas foram utilizados edifícios patrimoniais reconhecidos turisticamente como elementos facilitadores para orientação deste roteiro. As igrejas foram numeradas de 1 a 8 conforme legenda do mapa. Selecionamos moradias dos seguintes ilustres moradores:

9. Moradia de Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá – Mais conhecido como Intendente Câmara, esta personagem nasceu por volta de 1764 provavelmente em Santo Antônio de Itacambira, mas estudou e se formou em Portugal. De acordo com os interesses da Coroa Portuguesa que almejava a formação de pessoas capacitadas para ocupar cargos estratégicos seus estudos foram financiados o que culminou com seu retorno para o Brasil especificamente como Intendente Geral das Minas na Capitania de Minas Gerais e Serro do Frio, no Arraial do Tejuco, atual Diamantina. Também seguiu carreira política como deputado na Assembleia Nacional Constituinte de 1823 e como senador por Minas Gerais de 1827 a 1835. Sua residência é conhecida como Casa do Forro Pintado, cujas pinturas internas demonstravam a grande riqueza que possuía. Atualmente o sobrado encontra-se em processo de revitalização para abrigar o Museu de Arte Sacra. Localiza-se na Rua Direita, em frente a antiga Matriz de Santo Antônio (1).

10. Moradia provável Aureliano Lessa – Este famoso poeta nasceu no dia 27 de janeiro em 1828 na atual Diamantina. Em parceria com Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo formavam a trindade poética que teve muita repercussão na época em que viveram. Pertenceu à segunda geração do Romantismo brasileiro, e em suas poesias deixava transparecer todos seus sentimentos. Em 1909 pela importância de sua vida e *é minha, / É meu berço idolatrado...*

11. Moradia de José Vieira Couto de Magalhães – Foi um grande militar, escritor, poliglota, cientista e político que nasceu no dia 1 de novembro de 1837 em Diamantina. De extrema relevância no cenário político, ao Longo do Império, foi presidente das províncias de Goiás – entre 1863 e 1864; Grão-Pará - de 1864 a 1866; Mato Grosso - 1867 a 1868 e São Paulo, em 1889, presidência que ocupava quando foi proclamada a República. Criou uma empresa de navegação composta pelos vapores Araguaia, Colombo e Mineiro que percorreu vários rios do Planalto Central. Sua residência localiza-se no Largo do Bonfim, quase em frente a Igreja do Bonfim (3)

12. Moradia de João Fernandes de Oliveira – Mais conhecido como o contratador de diamantes, esta personagem nasceu em 1722 na vila de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo, atual Mariana. Como divulgado na atualidade possuía relação de concubinato com a famosa Chica da Silva. João Fernandes teve grande importância no contexto da extração mineral no antigo Arraial do Tejuco, pois ele era responsável por administrar a Demarcação Diamantina para a Coroa Portuguesa, se tornando um dos mais ricos e poderosos contratadores de diamantes. Havia ao lado da atual “Casa da Chica” uma pequena Capela, denominada de Capelinha de Santa Quitéria (8)

13. Moradia de José da Silva Oliveira Rolim – José da Silva e Oliveira Rolim, mais conhecido como Padre Rolim, nasceu em 1747 no Arraial do Tejuco, atual Diamantina. Foi um dos mais importantes e ricos conspiradores da Inconfidência Mineira. Era envolvido em negócios ilegais como contrabando de diamantes, tráfico de escravos e empréstimo de dinheiro. Participou ativamente do movimento da Inconfidência como resposta aos prejuízos financeiros decorrentes da implantação da Real Extração. A parte XLV da obra Romancero da Inconfidência, de Cecília Meireles, é sobre o Padre Rolim, um resumo poético de sua vida: *“Sete pecados consigo sorridente carregava. Se setenta e sete houvera, do mesmo modo os levaria. Por escândalos de amores, sacerdote se ordenara. Só Deus sabia os limites entre seu corpo e sua alma!”*. Sua moradia é o atual Museu do Diamante, na Rua Direita.

14. e 15. Moradias de Dom João Antônio dos Santos – Dom João foi um importante e benevolente bispo no Arraial do Tejuco. Fundou várias instituições como: Ateneu de São Vicente de Paulo; Seminário do Sagrado Coração, voltado para os desígnios sacerdotais; Colégio Nossa Senhora das Dores, um educandário feminino; e a Fábrica de Tecidos, voltada para o acolhimento e trabalho de moças desamparadas. Com o intuito de ajudar os pobres criou uma espécie de vale conhecido como *“Burrusquê do Bispo”* que distribuía aos famintos para a troca por comida em estabelecimentos comerciais. Os comerciantes retornavam ao Dom João para receber o valor relativo aos vales. O Colégio Nossa Senhora das Dores é a atual Casa da Glória e outra moradia de Dom João foi o atual Fórum Joaquim Felício dos Santos, localizada em frente a Igreja São Francisco de Assis (5).

16. Moradia de José Vieira Couto – José Vieira Couto nasceu em 1752 em uma rica família do Arraial do Tejuco, envolvida com atividades mineradoras. Estudou e se formou em Coimbra, mas em 1799, recebeu a incumbência de viajar pela Comarca do Serro do Frio, localizada ao norte da capitania das Minas, com o propósito de investigar os recursos minerais da região, e propor alternativas para sua exploração econômica. De suas observações de campo escreveu a obra *“Memória sobre as minas da Capitania de Minas Geraes”* datada de 1801 na qual reiterou sua convicção na viabilidade econômica da exploração dos recursos minerais da região. Sua casa é próxima a Igreja do Bonfim e a casa de Aureliano Lessa.

17. Moradia de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita - Lobo de Mesquita nasceu na Vila do Príncipe (atual Serro) por volta de 1746. Foi um músico de extrema importância nacional, é patrono da Cadeira No 4 da Academia Brasileira de Música. Se mudou para o Arraial do Tejuco em 1776 para, provavelmente, ser responsável pela instalação de um órgão fabricado pelo Padre Manuel de Almeida e Silva na Matriz de Santo Antônio (1). Seguiu carreira como organista e compositor em várias igrejas além de exercer obrigações tais como: mestre de capela, compositor de obras além de ensaiar e incorporar em regimento cantores e instrumentistas. O Conservatório Estadual de Música em Diamantina leva seu nome dada sua relevante contribuição para a música. Sua residência encontra-se na Rua do Contrato.

18. Moradia de Antônio Torres - Foi seminarista, padre e grande escritor diamantinense nascido em 31 de outubro de 1885. Após abandonar a batina em decorrência de desentendimentos causados pela sua aversão à catequização dos índios por sacerdotes estrangeiros, passa a colaborar em publicações na imprensa como ‘O País’, ‘Correio da Manhã’, ‘Gazeta de Notícias’, ‘Revista ABC’, ‘A Notícia’ e ‘A Gazeta’ tornando-se um colunista polêmico. Publicou livros como *“Poetas e Prosadores Diamantinenses”* e *“As razões da Inconfidência de 1925”*, no qual descreveu o cenário de exploração que os portugueses submeteram o Brasil. Foi nomeado cônsul do Brasil em Londres sendo transferido para Hamburgo, onde faleceu. Pela importância de sua obra, há atualmente em Diamantina a Biblioteca Antônio Torres, criada com o objetivo de zelar e enriquecer o acervo bibliográfico dos escritos desse diamantinense, além de um singular acervo com mais de 2 mil obras raras que inclui livros, jornais e documentos sobre a história do município e região.

Fonte: Autores

Em 1770, pouco antes de findar o último Contrato, João Fernandes retorna a Lisboa para resolver assuntos pessoais como a morte de seu pai, a resolução dos bens deixados por este e a prestação de contas à Corte por ter sido acusado de improbidades durante o contrato. Não retorna ao Arraial do Tijuco e falece em 1799.

A edificação habitada pelo Contratador João Fernandes é um importante exemplo da arquitetura habitacional mineira pertencente ao século XVIII, local de funcionamento do escritório técnico do IPHAN em Diamantina (Figura 2a). O contratador viveu nessa edificação acompanhado da alforriada escrava Chica da Silva, supostamente no período entre 1763 e 1771. Hodiernamente, sua estrutura em madeira, paredes em adobe e pau a pique, alvenaria barreada e caiada, tábuas largas em todo piso e forros de esteira de bambu trançados manualmente ou em madeira encontram-se em perfeito estado de conservação. Como característica de uma habitação de uma classe abastada, tinha em seu terreno um pátio ajardinado e uma capela (Santa Quitéria, figura 1), a qual foi demolida. Da capela resta somente o marco e a antiga porta que nostalgicamente é abraçada pelo muro do casario. Há uma varanda lateral, que apresenta marcas da influência moura na arquitetura de época em Diamantina. Essa influência pode ser identificada nos painéis treliçados, almofadados e com balaústres (IPHAN, 2019).

3.2 José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita

O ilustre Lobo de Mesquita, nasceu na Comarca do Serro Frio (1838 torna-se município de Serro) em Outubro de 1746. Foi um personagem ligado à música e de extrema importância nacional. No Serro Frio formou-se na área musical com os ensinamentos do padre Manuel da Costa Dantas, mestre de capela da matriz de Nossa Senhora da Conceição do Serro. Posteriormente começou a trabalhar como organista e compositor, aproximadamente no ano de 1776, quando se mudou para o Tijuco (atual Diamantina). Entre o final de 1783 e início de 1784 passa a ser o organista responsável pela Matriz de Santo Antônio, e em 1789 assume também essa responsabilidade na Igreja da Ordem Terceira do Carmo.

Em 1792 abraça a infantaria e torna-se Alferes do Terço dos Pardos. Pela já reconhecida qualidade musical, transfere-se para Vila Rica, atual Ouro Preto, assumindo a responsabilidade pelo mistério da música na matriz de Nossa Senhora do Pilar, entre 1798 e 1799 (Oliveira & Rónai, 2011, p.155). Posteriormente segue para o Rio de Janeiro onde foi lotado na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, entre os anos de 1801 e 1805, ano em que faleceu.

É considerado um dos mais importantes compositores da "Escola Mineira" fato que justifica ser Patrono da cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Música (ABM, 2019). A Academia Brasileira de Música ressalta, ainda, sua importância como compositor, posto que cópias manuscritas de suas obras estão presentes e conservadas em quase todos os arquivos musicais de Minas Gerais e de outros estados.

A assinatura musical de Lobo de Mesquita é evidenciada nos vocais (solos ou coro) de cunho religioso. Sua obra mais conhecida e executada é a Antífona de Nossa Senhora Salve Regina, composta em 1787. Pelas pesquisas realizadas, Lobo de Mesquita morou na casa localizada na Rua do Contrato, número 47 (Figura 2a). A casa encontra-se sem uso público ou particular.

3.3 José da Silva e Oliveira Rolim

Padre Rolim nasceu no Arraial do Tijuco em 1747. Filho de José da Silva e Oliveira, Caixa da Real Extração Diamantina e Sargento-mor das Forças Auxiliares. Ingressou na carreira eclesiástica para se livrar de um processo criminal, fato esse que foi explicitado pelo delator da conjuração mineira Silvério dos Reis. Aos 32 anos de idade se tornou padre em Coimbra. Com o pesado emblema de padre, não sendo a religião o seu Norte, Padre Rolim foi um ícone da quebra dos dogmas da igreja. Atuou em diversas atividades clandestinas como comércio ilegal de diamantes, comércio de escravos e falsificação de moedas. Foi um dos líderes da Conjuração Mineira na Comarca do Serro do Frio (Figueiredo, 2018, p.28).

O inconfidente foi preso na região do Arraial do Tijuco e Serro Frio, ali escondido foi capturado após cinco meses de buscas. Foi levado para o Quartel de Infantaria em Vila Rica e enviado para Lisboa em 1792. Em 1804, foi autorizado a regressar ao Brasil, chegando ao Arraial do Tijuco em 1805. Faleceu em 1835 e foi sepultado na Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Diamantina (Figueiredo, 2018, p. 304, 371).

A antiga residência da família Rolim situa-se na Rua Direita (Figura 2a) e compõem de forma importante a estrutura urbana colonial de Diamantina. Desde a década de 1950 acomoda o Museu do Diamante (Oliveira, 2016, p.61), vinculado ao IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus, Ministério do Turismo).

3.4 José Vieira Couto

Mineralogista brasileiro nascido em 1752 no Arraial do Tijuco. Estudou e se formou

em Filosofia Natural e Matemática pela Universidade de Coimbra, em 1778. Retornou ao Brasil para realizar estudos mineralógicos e geológicos em Minas Gerais durante o período de 1798 a 1805 (Silva, 2002, p.12). Seus escritos seguiam normas estabelecidas pelo governo português e analisavam prospectivamente minerais como: chumbo, cobalto, diamante, enxofre, ferro, ouro, prata, salitre, platina entre outros, com intuito de desenvolver técnicas que melhor aproveitassem os recursos dispostos pela colônia. Entretanto, como textos de naturalistas estrangeiros, suas narrativas também abarcavam aspectos geográficos, de uso e ocupação da terra, populacionais, de arquitetura das edificações e as atividades econômicas estabelecidas entre os moradores (Mucida et al. 2019, p. 467).

Suas pesquisas à época deram origem a quatro “Memórias”, como eram denominados os textos científicos do período, datados de 1799, publicados pela Revista do IHGB (Silva, 2002, p. 64). Recentemente, a Fundação João Pinheiro publicou a obra Memória sobre a Capitania de Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas pela coleção Mineiriana (Couto, 1994). Nestas memórias, o naturalista busca entender as causas da decadência da mineração do ouro e do diamante na Capitania das Geraes e formas de remediá-las por meio de descrição de outras alternativas à economia da região. Falece em 1827, no Arraial do Tijuco.

José Vieira Couto residiu, provavelmente, em uma casa ao lado da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim (IPHAN, 2019) (Figura 2a). O conjunto igreja e casa são tombados pelo IPHAN.

3.5 Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt Aguiar e Sá

O Intendente Câmara, nasceu por volta de 1764, provavelmente em Santo Antônio de Itacambira, em território do Distrito Diamantino. Estudou em Coimbra, Portugal, a partir de 1783 e teve como principal interlocutor, o naturalista José Bonifácio de Andrada e Silva, foram contemporâneos nos estudos e em excursões científicas pela Europa. Os dois tiveram formação e trajetória de vida muito parecidas (Varela, 2007, p.155).

Após o término dos estudos foi recrutado pela Coroa Portuguesa, trabalhando em território português. Tempos depois, Manuel Câmara fora enviado para as colônias portuguesas no continente americano, mais precisamente para a região da Capitania de Minas Gerais, onde assumiu a função de Intendente Geral das Minas na região produtora de diamantes, o Distrito Diamantino, que tinha como característica o enorme conflito produzido pelas relações sociais e de poder (Furtado, 1996, p. 71).

Seu casario, conhecida por Casa do Forro Pintado (Figura 2a), denota a sua importância e status frente a sociedade à época. A edificação, construída por iniciativa do próprio Intendente, situa-se frente à Igreja Matriz de Santo Antônio. Ao longo do tempo, o imóvel do Intendente recebeu diversos usos. Na década de 1980 sediou parte do Instituto Eschwege, entidade de pesquisa científica vinculada ao Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. O equilíbrio arquitetônico de sua fachada juntamente com o refinamento ornamental de seu interior, elege esse imóvel como um dos mais representativos do espaço colonial de Diamantina (IPHAN, 2019). Entretanto, seu piso térreo é ponto comercial.

3.6 Dom João Antônio dos Santos

Dom João nasceu no dia 12 de novembro de 1818 no então Distrito de São Gonçalo do Rio Preto. Em 1853 foi criado o Episcopado de Diamantina e em 1854, por decreto do Imperador Pedro II, foi escolhido como Bispo o cônego Dom João Antônio dos Santos. Ficou conhecido por atos de bondade e caridade junto ao segmento menos favorecido da sociedade. Era irmão de Joaquim Felício dos Santos (1822-1895) que das diversas áreas de atuação destacou-se principalmente como escritor e político. Felício dos Santos foi o primeiro escritor explicitar a relação entre Chica da Silva e Contratador João Fernandes.

Dom João publicava textos no jornal “Jequitinhonha” que possuía grande prestígio da população inclusive na Corte. Com apoio da sociedade diamantinense, ajudou a fundar várias instituições como: Ateneu de São Vicente de Paulo, o Seminário do Sagrado Coração, voltado para os desígnios sacerdotais, o Colégio Nossa Senhora das Dores e a Fábrica de Tecidos.

O primeiro seminário criado por ele (1866) era provisório e estava localizado na Casa do Contrato, e em 14 de fevereiro de 1868 inaugura o definitivo que se encontrava sob coordenação dos Padres Lazaristas. O Colégio Nossa Senhora das Dores também foi criado neste mesmo ano e tinha como intuito prover a educação de moças. Neste colégio havia um anexo destinado ao asilo para órfãos e que era liderado pelas Irmãs de São Vicente de Paulo. A Fábrica de Tecidos foi inaugurada em 6 de janeiro de 1876 e era voltada para o acolhimento e oferta de trabalho para moças que se encontravam desamparadas e, que por sua vez, estavam procurando outros caminhos que não fosse a prostituição.

Era um grande abolicionista, por isso fundou a “Associação do Patrocínio de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos” que tinha como objetivo a libertação de escravos por meio de subscrições públicas ou donativos que viessem à associação.

Dom João criou uma espécie de vale, conhecido como “Burrusquê do Bispo”, que distribuía aos necessitados para a troca por comida em estabelecimentos. Os vales eram posteriormente entregues Dom João para o recebimento em dinheiro do valor do vale. Dom João Antônio dos Santos faleceu em 1905. Durante a pesquisa do local de moradia de Dom João Antônio dos Santos, foram encontrados dois lugares: no atual Fórum de Diamantina (uso público municipal) e a Casa da Glória, vinculada ao Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (Figura 2a).

3.7 Aureliano José Lessa

Nasceu no dia 27 de janeiro em 1828 em Diamantina. Em parceria com Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo formavam a trindade poética que teve muita repercussão na época em que viveram (Leite, 1952, p. 379). Estudou em 1846 o Curso de Humanidades no Seminário de Congonhas do Campo. Iniciou, em 1847, o curso de Direito em São Paulo; no entanto, formou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Olinda, Pernambuco, em 1851. Assim que concluiu a graduação tornou-se procurador fiscal da Tesouraria de Minas Gerais na cidade de Ouro Preto, no período de 1852 a 1853, mas depois volta a Diamantina e Conceição do Serro para exercer a profissão de advogado, de 1853 a 1861.

Não publicou livros durante sua vida, mas suas poesias foram recolhidas e publicadas em um volume em 1873 com título “Poesias Póstumas” (Bosi, 1994, p.117). Foi um poeta pertencente à segunda geração do Romantismo brasileiro, e sua obra em alguns momentos deixava transparecer os sentimentos e mágoas do autor, além de seu lirismo difundir a personalidade que se constituía. Faleceu em 1861 em decorrência de uma cirrose alcoólica com 33 anos de idade. Em decorrência da importância de sua vida e obra é o Patrono da Cadeira nº 3 da Academia Mineira de Letras (ABL) (2019) desde 1909.

Podem-se encontrar alguns de seus versos, como este em que Aureliano retrata Diamantina, retirado do livro Sesquicentenário de Elevação do Tijuco a Vila Diamantina (Minas Gerais, 1983):

Vês, lá na encosta do monte / mil casas em grupinhos /, alvas, como cordeirinhos / que se banham na fonte? / Não vês deitado defronte, / qual dragão petrificado, / aquele serro curvado / que mura a cidadezinha? / Pois esta cidade é minha, / É meu berço idolatrado... (p. 66)

No inventário de seu pai, Pedro José Lessa, constam bens imóveis. Como acredita-se

que tenha morado com o pai, infere-se que seja uma das casas que constam na documentação analisada, uma morada de casa com 2 sobrados localizado na rua Macau para o lado de cima com um chafariz (atual Juizado especial) (Figura 2a).

3.8 José Vieira Couto de Magalhães

José Vieira Couto de Magalhães foi grande escritor, poliglota e grande cientista que nasceu em 1837 em Diamantina. Era filho do negociante e proprietário de lavras Antônio Carlos de Magalhães e de Thereza de Magalhães, filha do mineralogista José Vieira Couto. Aos dez anos de idade iniciou seus estudos no Seminário de Mariana. Graduou-se em Direito em 1859, pela Faculdade de São Paulo, além de ministrar aulas de filosofia no mosteiro de São Bento.

Antes dos 31 anos esteve à frente de todas as administrações, exceto a de São Paulo. Dedicou-se às questões que importunavam o país. Criou uma empresa de navegação que percorreu vários rios, inclusive o Araguaia descrevendo a exploração de bacias hidrográficas no interior do país (Magalhães, 1872, p. 41). Esta empresa encerra suas atividades com o fim do Império e a proclamação da República, colocando os navios em hasta pública em meados de 1900. Os restos dos três vapores “Araguaia, Colombo e Mineiro” encontram-se atualmente no porto de Leopoldina, aproximadamente 180 quilômetros da capital Goiás.

Faleceu em 1898 aos 61 anos de idade. Seus restos mortais estão no cemitério da Consolação em São Paulo. Como mencionado Couto de Magalhães era neto de José Vieira Couto, por isso se infere que o local de moradia tenha sido o mesmo, por mais que tenha sido por um curto período. O casarão que provavelmente tenha vivido abrigou o Serviço de Telégrafo Nacional e a primeira Diretoria dos Correios e Telégrafos de Diamantina (Figura 2a). O espaço térreo do casarão funciona como comércio e o piso superior é utilizado pelo SEBRAE.

3.9 Antônio dos Santos Torres

Nasceu em 1885, no Arraial do Tijuco, Antônio Torres foi seminarista e tornou-se padre em 1908. Em 1911, abandonou a batina em decorrência de desentendimentos causados por artigos que escreveu que versavam sobre sua aversão a catequização dos índios por sacerdotes estrangeiros. A partir desse momento passa a colaborar em publicações na imprensa como O País, Correio da Manhã, Gazeta de Notícias, Revista ABC, A Notícia e A

Gazeta, configurando-se em um grande polemista.

Nas publicações, seus objetos principais versavam sobre a colônia portuguesa. Publicou livros como *Horas Místicas*, *Poetas e Prosadores Diamantinos*, *Verdades indiscretas*, de 1920, *Pasquinadas cariocas* (Torres, 1921), *Prós e contras*, de 1922 e *As razões da Inconfidência*, de 1925, no qual descreveu o cenário de exploração ao qual os portugueses submeteram o Brasil. Foi nomeado cônsul do Brasil em Londres, sendo transferido para Hamburgo, na Alemanha, onde viveu até o seu falecimento, em 1934.

Pela importância de sua obra, atualmente existe, em Diamantina, a Biblioteca Antônio Torres criada com o objetivo de zelar e enriquecer o acervo bibliográfico não apenas desse escritor; atualmente a biblioteca possui um singular acervo com mais de 2 mil obras raras que inclui livros, jornais e documentos sobre a história de Diamantina.

O sobrado, que abriga a biblioteca (Figura 2a), data da metade do século XVIII e já sediou o Museu do Diamante em meados do século XX (Oliveira, 2016, p. 61). É tombado pelo IPHAN desde 1950 (inscrito no Livro de Belas Artes). É mais conhecido como Casa do Muxarabiê ou muxarabiê de sacada de matriz mourisca, identificada pela trama de fitas de madeiras entrelaçadas, detalhe arquitetônico de influência árabe. A peculiaridade deste artefato são as pequenas treliças que impedem a visão de quem se encontra fora da casa para dentro. Sua função era permitir que as moças visualizassem o exterior da casa sem serem vistas.

Considerando os resultados apresentados, tem-se por foco que ambientes educacionais devem ser espaços privilegiados de produção e de transformação do saber e práticas. Neste sentido, ações educativas devem ser organizadas com o intuito de formar sujeitos participativos, críticos e detentores da sua história. A possibilidade do uso de roteiros para finalidades educacionais, científicas e culturais pode ser de relevância para melhor apreensão sobre o patrimônio de forma geral. No quesito educacional, os espaços não formais de aprendizagem, como a possibilidade do uso do roteiro “*Mapa do Garimpo de Moradias de Ilustres Adormecidos da História Diamantina*” tem despertado a curiosidade, o gosto pela investigação pessoal e o interesse por parte dos estudantes tanto do ensino superior quanto do ensino básico (Santos et al. 2012; Schrader & Frenedo, 2015).

Nota-se que dentre as personalidades pesquisadas há uma gama de profissionais de áreas ou funções sociais distintas. De relevância ao longo dos séculos XVIII e XIX apresentou-se naturalista como José Vieira Couto, cujas obras apresentam contexto histórico-científico para compreender como se davam as práticas geocientíficas no período colonial (Varela, 2003). João Fernandes de Oliveira e Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt Aguiar

e Sá, ocupantes de importantes cargos administrativos pela Coroa Real Portuguesa vinculados ao território do antigo Distrito Diamantino (Varela, 2007); José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, com formação e legado em música e Aureliano Lessa, poeta de relevância nacional. De cunho político, apresentou-se José da Silva e Oliveira Rolim, que teve participação direta no contexto da Inconfidência Mineira e José Vieira Couto de Magalhães, um naturalista com viés na gestão territorial. Nas escolhas, a importância da igreja por meio da personagem Dom João Antônio dos Santos, além de Antônio dos Santos Torres, que foi seminarista, antes de atuar como jornalista.

A implementação de roteiros pedagógicos como este, que visa reconhecer personalidades por meio de suas residências, requer, como primeiro passo, a garantia do acesso à história para que professores, alunos e sociedade possam entender sua relevância no contexto socioeconômico histórico. Ademais, auxiliam na construção da identidade local (Marques, 2000), podendo ser aderidas como importantes possibilidades de conteúdos curriculares propostos pelas diretrizes curriculares vigentes (Piuzana et al. 2016). Além disso, estas estratégias como esta podem proporcionar a visão de conteúdos educacionais relacionados ao lugar geográfico, entendido como o espaço vivido, aguçando assim uma visão mais crítica dos problemas desde locais a mundiais.

4. Considerações Finais

O intuito desse trabalho foi propor um roteiro pedagógico diferenciado quanto ao acervo arquitetônico/histórico de Diamantina. Ressalta-se que roteiro já foi aplicado junto a alunos do ensino básico e estudantes universitários em temas de unidades curriculares que possuem temas vinculados à educação patrimonial e colaborativa bem como em práticas de ensino direcionadas ao estudo da paisagem integrada, proporcionando um enriquecimento e acréscimo de novos olhares quanto ao patrimônio existente no sítio urbano.

É importante considerar que por mais que se tentou reunir, no decorrer desse trabalho, personagens e feitos de grande importância para a atual Diamantina e para o país, foi insuficiente, pois a lista de indivíduos ilustres dessa localidade é extensa, assim coube reunir aqui apenas alguns que a princípio merecem maior destaque.

Por constituir uma reflexão parcial desenvolvida por meio do projeto de extensão *Roteiro Pedagógico Patrimonial do centro colonial de Diamantina, Minas Gerais: Personagens Ilustres* as informações aqui contidas merecem maior aprofundamento teórico, que por sua vez se desdobrarão em outras discussões sobre o uso e apropriação do patrimônio

cultural de Diamantina.

Agradecimentos

Pró-reitora de Extensão e Cultura (PROEXC) da UFVJM; ao Projeto GAIA UFVJM e ao Grupo Integrado de Pesquisas do Espinhaço (GIPE).

Referências

Academia Brasileira de Música (ABM). *Patronos. José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita*. Recuperado de <https://www.abmusica.org.br/academico.php?n=jose-joaquim-emerico-lobo-de-mesquita&id=63>.

Academia Mineira de Letras (AML). *Patronos*. Recuperado de: <http://academiamineiradeletras.org.br/cadeiras/>.

Bosi, A. (1994). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix.

Costa, A. G. (2002). *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província [século XVIII e século XIX]*. Belo Horizonte: UFMG.

Couto, J. V. (1994). *Memória sobre a capitania das Minas Gerais: seu território, clima e produções metálicas*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

Figueiredo, L. (2018). *O Tiradentes: uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Furtado, J. F. (1996). *O livro da capa verde: o regimento diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da real extração* (Vol. 52). São Paulo: Annablume.

Furtado, J. F. (1999). Saberes e negócios: os diamantes e o artífice da memória, Caetano Costa Matoso. *Varia História*, 295-306.

Furtado, J. F. (2003). *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.

Gonçalves, C. S. (2012). Diamantina: breve relato de sua formação. *arq. urb*, (8), 38-59.

Freire, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). (2018). *Monumentos e Espaços Públicos Tombados - Diamantina (MG)*. Recuperado de: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1490/>

Leite, M. C. (1952). O estudante Manuel Antônio Álvares de Azevedo. *Revista de História*, 5(12), 373-384.

Lopes, F. A., Milagres, A. R., Piuzana, D., & Morais, M. S. (2011). Viajantes e Naturalistas do século XIX: A reconstrução do antigo Distrito Diamantino na Literatura de Viagem. *Caderno de Geografia*, 21(36), 66-86.

Magalhães, J. V. C. (1872). *Dezoito mil milhas do interior do Brasil; Exploração das duas maiores bacias fluviais do Mundo; Do Amazonas ao Prata; O Livingstone brasileiro*. Editora O Novo Mundo.

Marques, A. F. (2000). A educação escolar e o resgate da identidade cultural das classes populares. *Ciência & Educação (Bauru)*, 6(1), 66-73.

Meneses, J. N. C. (2015). Pátio cercado por árvores de espinho e outras frutas, sem ordem e sem simetria: O quintal em vilas e arraiais de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 23(2), 69-92.

Menezes, J. S. (2015). O patrimônio cultural da cidade de Ilhéus à luz da literatura de Jorge Amado. *CULTUR-Revista de Cultura e Turismo*, 3(2), 1-16.

Minas Gerais, Coordenadoria de Cultura. (1983). *Sesquicentenário de elevação do Tijuco a*

Vila Diamantina. 1831 – 1981. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

Mucida, D. P., Gontijo, B. M., Morais, M. S., & Fagundes, M. (2019). A degradação ambiental em narrativas de naturalistas do século XIX para a reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço. *Caderno de Geografia*, 29(57), 465-495. DOI 10.5752/p.2318-2962.2019v29n57p465

Oliveira, K. B. D., & Rónai, L. (2011). A prática musical religiosa no Brasil e em Portugal na segunda metade do século XVIII: paralelo e fundamentação para a interpretação vocal da música de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita. *Per Musi*, (24), 151-166.

Oliveira, L. A. (2015). *Antiquário, coleções particulares e religiosa na origem da instituição do Museu do Diamante, Diamantina, MG*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, Brasil. Recuperado de: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/996>

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE.

Piuzana, D., De Morais, M. S., & Gontijo, B. M. (2016). O uso de maquete como ferramenta pedagógica na gestão educacional: o exemplo da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, Minas Gerais, Brasil. *Revista ESPACIOS* 37 (07).

Santos, A. P., Silva, T. D., Piuzana, D., Morais, M. S., & Gontijo, B. (2012). O ensino não formal em Geociências: o relato de experiência do Projeto GAIA. *Revista Territorium Terram*, 1(2), 87-106.

Santiago, L. (2010). *Tejuco - Arraial Setecentista*. Pedra Azul: Edição do autor.

Schrader, G. W., & Frenedo, R. D. C. (2015). Espaços não formais de aprendizagem: a elaboração de uma trilha interpretativa como ferramenta para a educação ambiental. *Revista de Produção Discente em Educação Matemática*. 4(1).

Silva, C. P. (2002). *O desvendar do grande livro da natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805*. São Paulo: Annablume.

Torres, A. (1921). *Pasquinadas cariocas*. Rio de Janeiro: Editora Castilho.

Varela, A. G. (2003). O estudo das produções minerais pelo cientista José Vieira Couto no início do século XIX na capitania de Minas Gerais. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 10(2), 765-767. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702003000200017>

Varela, A. G. (2007). A trajetória do ilustrado Manuel Ferreira da Câmara em sua “fase europeia” (1783-1800). *Tempo*, 12(23), 150-175.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Maíra Cristina de Oliveira Lima – 40%

Marcelino Santos de Moraes – 30%

Danielle Piuzana Mucida – 30%